

TRABALHO DOCENTE, MEMÓRIA, E OFÍCIO NA PANDEMIA DE CORONAVÍRUS

Autores: Aline Talita Rosa dos Santos, Fernanda Spanier Amador

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Palavras-chave: Docência, atividade, pandemia, clínicas do trabalho

“Saudades de movimentar meu corpo por entre corredores, carteiras colocadas em círculo, espaços comuns e cheios de afetos, desde um pedido de ombro amigo até um abraço apertado ou beijo estralado cheirando a café. Saudades de saber da vida dos/as estudantes, conhecê-los/as, cheirá-los/as, rir com eles (de algo, deles e de mim) ou saber-lhes o amargor das lutas cotidianas. Saudades de encontrar amigos/as e colegas profs. por entre corredores, saber das fofocas, das pesquisas, de um campo de estágio novo, de um perrengue no comitê de ética, falar (geralmente mal) do governo (em todos os níveis) e debater a nossa existência professoral em um espaço pulsante, vivo, cheio de problemas, mas pleno em soluções coletivamente gestadas.” (Mafe, 2022)

“SAUDADES, PALAVRA SOLO NESTE CONTEXTO DE ERE”

O presente trabalho faz parte da pesquisa “Narrativas do Trabalho Docente na Pandemia de Covid-19: pela memória do ofício, práticas de cuidado na educação”. A pesquisa em questão conta com uma plataforma, acessável em (memoriadooficiodocente.com), onde docentes podem submeter histórias referentes a seu momento na pandemia. Aqui, traremos análises referentes à uma narrativa enviada por uma docente, identificada como Mafe, submetida na plataforma da pesquisa em Março de 2022. A narrativa em questão chama-se “Saudades, palavra solo neste contexto de ERE”.

Referenciamos aqui os campos da Análise Institucional e das Clínicas do Trabalho, buscando analisar a experiência do trabalho como ofício. Por ofício entendemos o trabalho cultivado coletivamente pela atividade, isto é, pela microgestão da distância sempre presente entre Trabalho Prescrito e Trabalho Real (Giroto & Amador, 2016). Neste, se produz uma espécie de “artes do fazer”, de uma estética implicada no exercício cotidiano do trabalho, estética essa que se materializa na história do ofício, a qual, ao ser contada, narrada, pelas pessoas que o exercem, possibilita visibilidade às lutas cotidianas, as dores e alegrias do exercício do ofício, a dimensão de uma saúde das pessoas que trabalham que se relaciona com práticas cotidianas.

Mafe traz sua experiência corpórea, sensorial de trabalho no momento da escrita, reconhecendo nos sentidos um dos elementos reconhecidos como necessários para a produção de seu ofício antes do início da pandemia.

Ao entrar em uma modalidade emergencial remota, as estratégias de ofício utilizadas por ela para mediar aulas que, segundo ela, “efetivamente fizessem sentido” se individualizaram, diminuindo a qualidade de resposta dos docentes quando deparados com a diferença crescente entre o trabalho prescrito e o trabalho real durante a pandemia.

Colocados pela participante estão suas experiências dentro de um coletivo de trabalho, que, apesar de não ter se extinguido, se viu prejudicado, destacando a escassez de um trabalho coletivo que desse conta de aportar as infidelidades do meio.

Pudemos perceber a existência de um lugar para o corpo no fazer docente, e, pela ausência dos corpos graças ao isolamento social, entra em cena um deslocamento de espaço de trabalho, que impossibilitou a formação efetiva, dentro do coletivo de trabalho dos professores, de um trabalho coletivo, onde fosse possível compartilhar vivências e, a partir desse compartilhamento, formular coletivamente soluções e produzir ofício em meio ao trabalho.

As interações rotineiras do espaço físico de trabalho se viram deslocadas, e seu deslocamento gerou efeitos na percepção do trabalho realizado. A necessidade de torná-lo protocolar, com a ausência de espaços coletivos que fossem ocupados tornou-o um trabalho “qualquer” na percepção da docente.

O retorno ao presencial vem com o reconhecimento de que os corpos que retornam retornam com alterações. Apesar das restrições, os corpos voltam a ocupar um espaço, e o coletivo que sustenta o ofício alimenta o retorno, permitindo a reconstrução de um “nós” em contrapartida ao “eu” frente a uma tela durante o afastamento.

REFERÊNCIAS

Giroto, W. M., & Amador, F. S. (2016). Trabalhar, educar, acolher em abrigo institucional: percursos de uma cartografia. *Perspectivas em Psicologia*, Uberlândia, 20(2), 86-109. || Mafe. (2022, March 9). Saudades, Palavra Solo Neste Contexto de Ere. *Narrativas do Trabalho Docente*. <https://memoriadooficiodocente.com/saudades-palavra-solo-neste-contexto-de-ere/>